

Evangelização Contínua: Uma Discussão Histórica e Teológica

Continuous Evangelization: A historical and theological discussion

Erico Tadeu Xavier¹

Carlos Henrique Fernandes Junior²

RESUMO

Este trabalho visa mostrar o histórico debate sobre o que é igreja e realçar esse entendimento na contemporaneidade. Apresenta a discussão de teóricos sobre o papel da igreja; aponta o desenvolvimento deste pensamento ao longo da história; discute o relacionamento entre igreja e missão e aborda os aspectos individuais da missão. Fica claro que a igreja como um todo é missão, e que ela deve vivenciar uma cultura missional em todas as suas ações e dimensões.

PALAVRAS-CHAVE: IGREJA; PROPÓSITO; MISSÃO.

ABSTRACT

This work aims to show the historical debate about what church is and to enhance that understanding today. It presents a theoretical discussion on the role of the church, indicates the development of this thought throughout history, discusses the relationship between church and mission and approaches the individual

1 **Doutor em Teologia pelo PRODOLA. Programa Doutoral Latino Americano. Atua como professor de do SALT-IAENE - Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. E-mail: <pastortadeu@gmail.com>

2 *Bacharelado do curso de Teologia pelo SALT-IAENE - Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. E-mail: <carlos.henriqueminas@gmail.com>

aspects of the mission. It is clear that the church as a whole is mission, and she must be experiencing missional culture in all its actions and dimensions.

KEYWORDS: CHURCH; PURPOSE; MISSION.

INTRODUÇÃO

Ao observar a igreja no seu aspecto prático percebe-se uma desconexão entre o seu propósito original e sua realidade. O relato bíblico aponta para uma igreja criada com propósito bem claro e definido, a evangelização. Porém, há tantos agentes que têm distraído a igreja do seu foco que esse ato evangelizador tem ocupado uma agenda muito mais periférica do que central. Uma preocupação demasiada em si mesma que não há tempo suficiente para olhar para o mundo e evangelizá-lo de maneira mais intensa e intencional. Faz-se necessário então promover uma cultura missional e resgatar os valores originais da igreja quanto a sua razão de ser. Este trabalho visa contribuir com a comunidade adventista oferecendo embasamento teológico e histórico para pautar as suas ações como igreja local e a nível global.

Percebe-se que a igreja cristã ao longo dos séculos deixou de ser evangelismo e passou a fazer evangelismo apenas como mais uma de suas atribuições entre tantas outras. Há um risco da igreja deixar de ser o que ela nasceu para ser: evangelizadora e missional. Porque a igreja cristã hoje não experimenta mais uma cultura missional? Quais são as implicações dessa realidade? Esses questionamentos são os motivadores dessa pesquisa, tentar identificar através de um olhar histórico como a igreja foi se distanciando de sua matriz (a igreja primitiva descrita em Atos), fazer uma breve análise em importantes autores sobre missão, demonstrar as implicações dessa realidade e sugerir um movimento em direção à revitalização da identidade e natureza missionária da igreja são os desafios do presente estudo. Seu objetivo maior fica sendo desenvolver como a igreja cristã perdeu a essência evangelística

ao longo de sua história e propor um retorno para que ela esteja em estado contínuo de evangelização como sua única agenda.

E especificamente:

1. Apontar para a razão de ser original da igreja.
2. Apresentar um debate histórico sobre essa tensão se a igreja faz evangelismo ou se ela é evangelismo.
3. Mostrar as principais características de uma igreja em estado contínuo de evangelização.
4. Demonstrar a grande necessidade do engajamento da igreja na missão na contemporaneidade.

IGREJA E MISSÃO

A igreja é a agência usada por Deus para desenvolver sua missão, a razão de ser da igreja é estar em contínua ação missional para divulgar o reino de Deus e manifestar o Deus desse reino através de seus discursos e práticas. Apesar de parecer coerente, simples, lógica e até mesmo óbvia a afirmação acima pode estar longe das práticas eclesiológicas atuais, ou seja, percebe-se um grande distanciamento deste conceito com a agenda de trabalho das maiorias das igrejas.

O que é igreja e qual é a sua real função foi sempre motivo de discussão o longo da história, às vezes de maneira mais central ou mais periférica, intensa ou mais branda esse assunto sempre rondou as discussões teológicas, concílios e conferências locais ou de âmbito mundial.

Algumas definições que foram construídas ao longo do tempo conseguem sintetizar bem essa marca missional que deve acompanhar a igreja: “Igreja é a igreja somente quando ela existe para outros [...]” (BONHOFFER, 2011, p.150). O mesmo continua e aprofunda quando diz que “A igreja deve compartilhar os problemas seculares da vida humana comum, sem dominar, mas ajudando e servindo” (BONHOFFER, 2008,

p. 152). Sendo assim se nota que quando a igreja deixa de ser missão ela passa ser outra coisa, e não igreja. Essa abordagem bem definida sobre a natureza da igreja não ocorre somente em Bonhoffer, mas outras figuras proeminentes que vão tentar conceituar o ser igreja ao longo de suas obras.

Bonhoffer em sua obra *Discipulado* vai desenvolver de maneira mais clara o conceito de igreja e sua função, primeiramente ele vai lançar um olhar histórico observando a prática da igreja primitiva e afirmar que a igreja primitiva era uma comunidade visível que se fazia ser vista claramente dentro do seu contexto social e cultural na qual estava inserida e que os crentes agiam, trabalhavam e sofriam na comunhão de Jesus. O autor alemão tem um olhar otimista para a igreja primitiva que vemos descrita no livro de Atos, mas não a coloca como uma matriz eclesiológica a ser minuciosamente copiada pela igreja de hoje, mas demonstra que em seus conceitos ela é perfeitamente assertiva e que em suas práticas servem de inspiração aos crentes atuais. (Bonhoffer, 2011).

E quanto a igreja primitiva vale a pena ressaltar:

[...] Lucas torna claro que, o segundo ponto de vista dele, a tarefa essencial da igreja é a missão. Diz notavelmente pouco acerca da vida interna da igreja, e concentra a maior parte de sua atenção a este aspecto tarefa da igreja. Além disso para Lucas a missão importa em evangelização, a proclamação das boas novas de Jesus e o desafio ao arrependimento e a fé. (STOTT, 1999, p. 49-50).

Logo na criação da igreja ficou muito claro que: “ O Espírito Santo é um Espírito missionário que criou uma igreja missionária”. (STOTT,1990, p.91). O livro de Atos no capítulo 2 traz um resumo importante da vida prática da igreja e quanto ao verso 27 especificamente, se observa:

Ao analisar o verso 47 vemos que o Senhor acrescentava dia a dia os que iam sendo salvos, o que deixa evidente que o evangelizar não era uma ação ocasional ou esporádica da igreja primitiva, não se vê um clima de campanhas de evangelização pontuais. O culto era diário (contínuo) e era evangelístico essencialmente. A igreja caminhava em direção

ao mundo intencionalmente. (STOTT, 1990, p. 93).

Quanto ao relacionamento Igreja x Mundo pode se entender que “[...] eles estavam ligados ao mundo (em evangelização). Eles estavam engajados numa evangelização contínua.” (STOTT, 1990, p. 93).

Bonhoffer (2011) ao falar da igreja hoje afirma que pregação é diferente de discursos religiosos e que estes não devem acontecer no seu dia a dia, afirma ainda que a igreja vive sua vida própria dentro do mundo e que através da sua maneira de ser e de seus atos demonstra um claro contraste com o mesmo e que há uma dimensão superior a ser vivida; que o tempo é breve, que o Senhor está perto e isto a enche de alegria.

Assim Bonhoffer indica que a igreja deve estar sempre a fazer sua missão, que ela deve ser ouvida e vista por aqueles que a rodeiam e que ela recebe uma mensagem que vale a pena ser vivida. (Bonhoffer, 2011).

A missão é uma realidade que a igreja não pode omitir, ela é por natureza missionária. “A igreja desde o seu início tem consciência da necessidade proclamar a alegre notícia de Cristo, testemunhando-o em toda parte até o sacrifício da própria vida”. (PANAZZOLO, 2012, p. 170).

Nas últimas poucas décadas houve um desenvolvimento extraordinário na teologia bíblica o que levou a uma redescoberta da igreja como comunidade do Reino, como comunidade de testemunho e de serviço no mundo e para o mundo. Pode-se afirmar que igreja é igreja missionária, ou então, não é igreja. Se reforça a ideia que a natureza da igreja está em propagar o reino, especificamente através de seu testemunho e serviço. Blauw (1966).

Blauw (1966) prefere caminhar em solo bíblico do que em tratados teológicos e referências na área e vai dizer que quando percebemos a unidade entre igreja e missão na Bíblia ele crê que desaparecerá o mal entendido de haver duas fases: primeiro a fase da missão e depois o da igreja.

Sobre as tendências teológicas atuais, Blauw (1966) vai dizer que tudo quanto à comunidade de Deus faz na terra deve ser considerado a luz

de sua missão. O crivo para todas as ações da igreja sejam essas ações locais ou de maior abrangência é o de aspecto missionário.

Fica muito claro que não há uma distinção entre igreja e missão, essa convicção de unidade igreja/missão está um tanto quanto longe de ser expressa nas atitudes e ações práticas da igreja e muitas igrejas são caracterizadas por “nada é missão” e não tanto por “tudo é missão”. Blauw (1966).

A ação missionária da igreja não é somente uma das suas atividades, mas o critério de todas as suas atividades. E ainda vai tornar mais claro essa situação ao afirmar que “é exatamente pelo sair de si mesma que a igreja é ela mesma e volta a si mesma”(BLAUW, 1966, p. 189).

Blauw (1966) diz que a igreja passou por um processo negativo de institucionalização e hierarquização e que ironicamente as obras missionárias se rebelaram de modo positivo contra a rigidez institucional, denominacional e religiosa, ou seja, por incrível que pareçam as atividades de missão da igreja, no passado eram ações periféricas e que desafinavam do tom predominante que a igreja tinha em sua agenda de atividades.

Caminhando para uma ala mais contemporânea e mais pragmática da teologia, vamos encontrar Rick Warren, que vai demonstrar sobre qual direcionamento a igreja vai ser guiada, em seu *best seller Uma Igreja com Propósitos*. Warren vai narrar a sua bem sucedida caminhada ministerial e apontar o desejo que Deus tem para a sua igreja é que ela caminhe com propósitos bíblicos cujos os quais ele vai apontar segundo seu entendimento, mas, neste momento vamos nos apegar ao que Warren alerta quanto ao desvio de foco tão presentes nas realidades eclesiais atuais, e que em muitos casos as ações da igreja são pautadas por quase tudo, menos pelo crivo missional como anteriormente citado por Blauw. Foram selecionados três equívocos de direcionamento citados pelo autor;

*1 Igrejas dirigidas por tradições:
Nas igrejas dirigidas por tradições, a frase perfeita é:*

“Sempre fizemos isso desse jeito”. O alvo da igreja dirigida por tradições é simplesmente perpetuar o passado. Mudanças são quase sempre vistas de forma negativa e a estagnação é interpretada como sinônimo de “estabilidade”. Igrejas mais antigas tendem a se prender a determinadas regras, regulamentos e rituais. Enquanto isso as mais jovens tendem a se unir a um propósito e missão. Em algumas igrejas a tradição é tão forte que qualquer outra coisa, até mesmo a vontade de Deus se torna secundária.

2 *Igrejas dirigidas por programas:*

A escola bíblica, o departamento feminino, o coral e o grupo de jovens são a força motivadora de algumas igrejas. As igrejas dirigidas por programas, em vez de proporcionar o crescimento espiritual das pessoas, trabalha somente por preenchimento de cargos.

3 *Igrejas dirigidas por eventos:*

Existe muito trabalho em igrejas como esta, mas não necessariamente produtividade. (WARREN, 1999, p. 354)

Warren não procura estabelecer um tratado teológico a respeito da teologia da missão, mas, muito acertadamente descreve problemas reais com as igrejas atuais que as desviam do foco de exercer da missão. Esses três exemplos acima são clássicos e demonstram o que Blauw afirma: há uma evolução no entendimento da teologia bíblica da missão, mas quando caminhamos para a prática percebemos agentes que vão trabalhar contra este exercício ideal do fazer missão e criar outros crivos para o agir da igreja. Blauw (1966).

É possível identificar quatro tipos de eclesias principais:

“Instituição, Corpo Místico de Cristo, Sacramento ou como Servo. Qualquer uma dessas concepções de igreja implica em uma interpretação diferente da relação entre igreja e missão.”(BOSCH, 2009, p. 442).

Bosch reafirma o que já foi visto com outros teóricos que a concepção do que é igreja vai afetar de maneira negativa ou positiva a sua essência, conceituação ou prática missional. Especificamente no que se diz ao catolicismo, sua compreensão historicamente de igreja sempre teve um conceito elevado e que suas ênfases estavam voltadas para o aspecto jurídico

e institucional. Mas essa concepção começa a mudar de instituição para corpo de Cristo, porém apesar desta mudança conceitual a missão ainda é descolada da sua essência. Bosch, para comprovar cita um trecho do antigo Código de Direito Canônico: *“A preocupação universal com a missão para não católicos estava reservada exclusivamente à Sé apostólica”* (BOSCH, 2009, p. 443)

Dentro do protestantismo a situação não era muito diferente, onde a missão era basicamente de responsabilidade de sociedades missionárias que eram consideradas como portadoras da missão. Ou seja, historicamente tanto no catolicismo quanto no protestantismo há uma prática de responsabilizar alguma área específica da igreja, seja ministérios, departamentos e instituições por suas ações missionárias, colocando-as quase sempre a margem de suas ações principais. (Bosch, 2009)

Mas há uma mudança desse direcionamento e concepção no século XX que Bosch vai responsabilizar de maneira fundamental as conferências missionárias mundiais que transformaram o entendimento na relação missão e igreja.

Pela primeira vez, o reconhecimento de que missão e igreja constituem uma unidade indissolúvel começou a patentear-se de tal maneira que não podia mais ser ignorado. Até que em uma dessas conferências especificamente em Gana, 1958, Newbiggin vai resumir o consenso que foi alcançado:

1. “A igreja é a missão”, o que significa que é ilegítimo falar de uma sem, ao mesmo tempo falar da outra;
2. “A base doméstica está em toda parte”, ou seja, cada comunidade cristã se encontra em uma situação missionária, e
3. “Missão em parceira” denotando o fim de qualquer forma de tutela de uma igreja sobre a outra. Bosch (2009, p. 448).

Importante também citar que houve uma integração entre o CMI e o CoMIn, isso ocorre em Nova Délhi 1961. Segundo Bosch toda essa

evolução proporcionou uma mudança muito grande no entendimento entre igreja e missão.

O reconhecido teólogo Karl Barth que vai afirmar que: “A igreja existe quando é enviada e edifica-se visando sempre a sua missão” (BARTH, 1956, p. 169)

Nesta eclesiologia emergente a igreja é vista como essencialmente missionária e que este dever de ir não pode ser tido como uma atividade periférica mas deve ser firmemente estabelecida como um dever de toda a igreja.

Vale ressaltar que a atividade missionária não é uma ação da igreja, mas sim, é a igreja em ação. Visto que Deus é um missionário como visto em Mission Dei e consequentemente o povo de Deus é um povo missionário.

Não se pode deixar de abordar a suma importância da igreja local para esse movimento, pois é na igreja local que as ações vão ser implementadas e na sua vivência que toda essa teoria e tendência encontra sentido. Bosch vai concluir que:

A dimensão missionária da vida de uma igreja local manifesta-se quando ela é verdadeiramente uma comunidade de culto; é capaz de acolher pessoas de fora e fazer com que se sintam em casa; é uma igreja em que o pastor não possui o monopólio e os membros não são meramente objetos de assistência pastoral; seus membros são equipados para exercer sua vocação na sociedade; ela se mostra estruturalmente maleável e inovada e não defende os privilégios de um grupo seletivo (GENSICHEN, 1971, p. 170-172).

Os últimos anos são positivos no aspecto dessa revisão do conceito de igreja e missão: “[...] desde a década de trinta, os missiólogos vêm exigindo uma relação mais estreita entre o conceito de missão e a ideia de igreja, convergindo a natureza missionária de igreja”. (ENGEN, 1996, p. 32).

Há um movimento claro dos eclesiólogos modernos que buscam uma nova forma de visualizar igreja, apontando um novo paradigma de congregação e a tornando como um povo missionário em âmbito local.

Engen (1996, p. 32).

Fica claro que no último século houve um redescobrimto da igreja local e o seu papel fundamental no cumprimento da missão, sendo o mais autêntico a luz do Novo Testamento. Fica muito evidente na obra de Bosch a importância do entendimento sobre o que é igreja e que ela não está separada da missão e precisa exercê-la sempre para que seja autenticamente considerada como igreja.

Xavier em seu estudo *Teologia da Missão Integral*, aborda a realidade da missão atual, mais especificamente, a América Latina e analisa a obra de Orlando Costas, importante missiologista latino-americano e este afirma que:

Não há igreja, a não ser uma igreja missionária. Ser igreja é por conseguinte, viver uma situação de encruzilhada, ir constantemente ao encontro do mundo, ser desafiado por ele e impelido pelo Espírito de Deus para dar testemunho do “evangelho do Reino de Deus”.(COSTAS, 1966, apud. XAVIER, 2011.)

Xavier em sua obra demonstra que missão e igreja estão inter-relacionadas e não há como vislumbrar uma sem a outra.

Até aqui foi visto nitidamente que nas últimas décadas se caminhou para o entendimento onde igreja e missão não podem ser desassociadas, formam uma unidade indivisível e que este conceito vai afetar seus discursos e sua prática seja na sua esfera global ou local.

Porém, percebe-se que há uma distância entre o ideal e o real. Algumas reflexões são importantes: será que a igreja entendendo a sua vocação e seu motivo de ser tem transformado essa concepção em prática eclesiológica? Especificamente a igreja local tem conseguido fazer com que seus recursos humanos, financeiros e espirituais sejam usados integralmente na ação de fazer discípulos conforme encontramos no mandado de Jesus a sua igreja em Mateus 28:19? E quando ela vai em direção ao mundo, ela o faz de maneira isolada e eventual ou realiza isso intermitentemente?

ASPECTOS INDIVIDUAIS DA MISSÃO

Não basta apenas discutir sobre a matriz eclesiológica e apontar soluções para que a igreja esteja em estado contínuo de evangelização. Há uma grande necessidade de criar uma cultura missional, para que esse ideal saia do planejamento, dos conselhos, concílios e atinja a realidade das ruas. Se faz necessário uma mudança de paradigma em cada crente.

“A missão primordial é a de Deus, pois foi Ele quem mandou seus profetas, seu Filho, seu Espírito. Destas missões a do Filho é a central, pois foi o auge do ministério dos profetas e incluiu em Si, como clímax, o envio do Espírito”. (STOTT, 2010, p. 25).

Deus é o grande missionário, Ele é o que age primariamente para missão, se todo crente tem como objetivo de vida se parecer com Deus e restabelecer a imagem que foi perdida, um dos atributos divinos é “[...] buscar e salvar o perdido”. (Lucas 19:10).

E ainda mais adiante, o verdadeiro convertido ao experimentar o novo nascimento se torna um missionário. “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário”. (WHITE, 2009, p. 102).

Essa conversão do indivíduo que forma a sua igreja local potencializam o seu exercer missionário através da vivência real do cristianismo no dia a dia da igreja e que vai produzir frutos e testemunho. “O testemunho verbal, juntamente com a proclamação pública requerem uma vida comunitária vital, em que haja a manifestação do fruto do Espírito”. (Galatas 5:22). (SHEDD, 2006, p. 109).

Quando se contempla algumas personalidades proeminentes no Novo Testamento, atores que foram protagonistas na sua contribuição para o crescimento da igreja no primeiro século, se vê indivíduos como Paulo, Silas, Barnabé, Estevão, Apolo e muitos outros. Esses indivíduos não parecem ser excessão, mas regra de uma igreja que tinha como por tradição o agir missional, a igreja parece ter uma tradição de ser pregadora. Paulo, além do

seu caráter missionário quando se põe a servir a igreja, o faz muito porque esse era um papel natural a se desempenhar visto que a comunidade em que ele estava inserido vive essa missão intensamente. Senior, Stuhmueller (2010, p. 246).

A igreja tinha indivíduos mais proeminentes e dotados de dons de maior visibilidade como o da pregação, mas o que fica claro é que a igreja do primeiro século tinha uma tradição missionária e estes indivíduos que ficaram célebres nada mais são do que a expressão desta igreja.

A igreja de hoje também deveria desenvolver tradições como estas, positivas e não aquelas sem sentido e sem embasamento que atrapalham o exercer mais pleno e mais coerente da missão.

Há um chamado para que os crentes juntos em sua igreja vivam uma realidade tal em meio a sua comunidade que ela pode inclusive ser responsabilizada pela deterioração do ambiente em que está inserida:

Quando qualquer comunidade se deteriora, a falha deve ser atribuída a quem de direito: não a comunidade que está indo mal, mas a igreja que está falhando em sua responsabilidade de, como sal, por fim a deterioração. E o sal só será efetivo se permear a sociedade, se os cristãos se atentarem novamente para a vasta diversidade dos chamados divinos, e se muitos penetrarem na sociedade secular para lá servir a Cristo. (STOTT, 2010, p. 37)

A dimensão comunitária da igreja é formada no seu ajuntamento individual, se cada crente compreender que é inviável ser cristão sem ser missionário e partir para uma ação evangelística na sua esfera de ação na sua comunidade local, então a partir daí a igreja vai cumprir o propósito para qual ela foi criada que amplamente tem sido discutido aqui.

CONCLUSÃO

Como foi visto, a igreja nasceu com um propósito, a proclamação

da mensagem que lhe foi dada, o compartilhamento da boa-nova. Vimos também que a igreja primitiva do primeiro século viveu isso intensamente, mas, que ao passar dos anos essa intensidade missional foi se perdendo de tal modo que a igreja teve que voltar a discutir o seu propósito. Há sinais positivos quanto a este entendimento que aponta para uma resignificação da igreja como missão. Porém, a realidade da igreja hoje parece estar ainda um pouco distante deste ideal. Para que a igreja volte a agir da maneira correta, sendo fiel ao seu propósito, deve-se ainda avançar mais a sua descoberta quanto a razão de ser e para além disso é necessário que cada crente possa estar alinhado a uma visão mais correta do que é igreja e que possa haver um senso de pertencimento tal, que o povo de Deus possa se tornar como um todo um povo missionário, de uma natureza e cultura evangelística quase que natural. Que a igreja se torne tradicionalmente missionária e pregadora e não negocie a alteração deste status.

A contemporaneidade parece ser um ambiente favorável para a disseminação dos valores do reino, e o que ela espera é ver é este reino ser manifestado de maneira palpável e visível na igreja e através dela.

Mas, vale lembrar que Israel não cumpriu seu papel na “evangelização” que lhe coube: os discípulos a princípio não queriam sair de Jerusalém, historicamente sempre houve dificuldades para que se tenha sucesso em direção ao mundo, deve-se trabalhar intencionalmente para se desenvolver paixão pelas almas. Shedd (2006, p. 92). Especificamente quanto à Igreja Adventista que o seu entendimento como remanescente enfatiza o senso de missão multiplicando o engajamento dos seus membros, e que os mesmos possam entender e se verem como testemunhas do tempo do fim.

REFERÊNCIAS

ASSOCIACÃO MINISTERIAL DA ASSOCIACAO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SETIMO DIA. **Nisto cremos: as 28 crenças**

fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Hélio L. Grellmann. 8 ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

BARTH, Karl; **Church Dogmatics.** Edinburgh: T&T Clark, 1956.

BLAUW, Johannes; RAMOS, Jovelino Pereira. **A natureza missionária da igreja:** exame da teologia bíblica da missão. São Paulo: ASTE, 1966.

BONHOFFER, Dietrich. **Discipulado.** Tradução de Ilson Kayser. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

BOSCH, David J. **Missão transformadora:** mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndorfer, Luís M. Sander. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

CRESS, James A. **Comunidade de amor:** tornando a igreja um lugar de aceitação e crescimento. Tradução de Cecília Eller Nascimento. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

KIRK, J. Andrew. **O que é missão?** teologia bíblica de missão. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

MARSHALL, I Howard; CHOWN, Gordon. **Atos dos Apóstolos:** Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985.

PANAZZOLO, João. **Missão para todos: introdução à missiologia.** São Paulo: Paulus, 2010.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão.** Tradução de Anacleto Alvarez. Santo André: Academia Cristã Ltda, 2010.

SHEDD, Russell P. **Evangelização: fundamentos bíblicos.** São Paulo: Shedd Publicacoes, 2006.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos:** até aos confins da terra.

Tradução de Markus Andre Hedieger, Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: ABU, 1994

STOTT, John; SANTOS, Meire Portes. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

WARREN, Rick; OLIVEIRA, Carlos de. **Uma Igreja com propósitos**. 2. ed. São Paulo: Vida, 1999.

WHITE, Ellen Gould. **A Ciência do Bom Viver**. Tradução de César L. Pagani. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

XAVIER, Erico Tadeu. **Teologia de missão integral**: nas práxis evangélicas na América Latina. Londrina: Descoberta, 2011

